

## **«A HIPÓTESE DA PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS»**

(Introdução ao pensamento de Teilhard de Chardin relativamente à possibilidade de existência de outros mundos habitados - Dr. António Paixão)

### **Sumário**

Preocupação da humanidade sobre a existência de seres inteligentes extraterrestres: desde as hipóteses filosóficas da Antiguidade, até às formas cientificamente elaboradas da actualidade, passando pelas fantasias ficcionadas e os sensacionalismos de testemunhos especulados pelos meios de comunicação.

Séria preocupação de Teilhard de Chardin com este problema, por razões tanto científicas, como teológicas e cristológicas. Resumo das suas posições sobre esta matéria a partir dos seus escritos, vistas dos pontos de vista fenomenológico e teológico.

Resumo das posições de teólogos da actualidade sobre o problema em si e sobre as concepções de Teilhard de Chardin a respeito do mesmo.

(Texto prévio à conferência do Sr. Prof. Pereira Osório, bem como ao comentário final à problemática teológica pelo Prof. Michel Renaud)

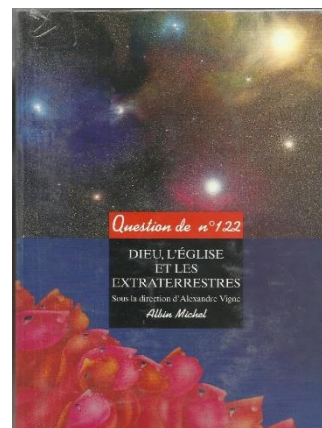
## **«A HIPÓTESE DA PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS»**

«Qualquer que seja a teoria cosmológica, o estudo científico do Universo mostrou-nos que existem biliões de galáxias e biliões de biliões de sistemas solares, ou seja, de estrelas com planetas. Se a isso juntarmos que os elementos fundamentais são os mesmos presentes em todo o universo, há, pois, uma muito grande probabilidade, para não dizer uma quase certeza, que devem existir numerosos planetas onde a vida emergiu e, outros, sem dúvida muito menos numerosos, onde a evolução da vida permitiu (ou permitirá) a emergência da consciência e, depois, da consciência reflexiva, ou seja, de seres pensantes e livres, análogos nesse aspecto aos humanos».

Li-vos um trecho dum artigo publicado na revista «Teilhard-Aujourd'hui», de janeiro de 2007, da autoria do teólogo francês Gérard-Henry Baudry, intitulado «A questão da probabilidade de planetas habitados e as suas incidências cristológicas». No mesmo artigo, o autor cita um outro publicado na revista dos jesuítas franceses, *Études*, em 1983, da autoria do Padre Jules Carles, tratando o mesmo tema, onde se afirma: «o número de planetas candidatos à vida é relativamente fraco, mas, dada a multitude de estrelas, este pode ser muito grande». E Baudry conclui: «se houver pelo menos um

planeta com noosfera por galáxia, deverão ser biliões... É de tal forma desconcertante, que se prefere adoptar a política do avestruz...».

Ainda outra citação, desta vez extraída do prefácio do escritor e sociólogo francês Alexandre Vigne ao nº 122 da publicação «Question de». Este volume tem por título «Deus, a Igreja e os extraterrestres», onde, ao longo de mais de 360 páginas, este tema é explorado por uma vintena de especialistas de diversas áreas, entre os quais se conta Edgar Morin, Jacques Arnould, Gustave Martelet, Jean-Michel Maldamé, Jeffrey A. Hoffman, este que foi o primeiro astronauta a fazer um passeio no espaço:



«Qualquer que seja o futuro da teoria do Big-Bang, um facto irrefutável acaba de ser confirmado: o cosmos evolui, tem uma história, é sempre o mesmo e nunca o mesmo. Isto significa que a vida inteligente pode ter existido antes da Terra, poderá existir depois dela e, muito provavelmente, existirá noutros locais. O interesse desta nossa reflexão é igualmente reforçada pela descoberta, em 6 de outubro de 1995, pelos astrónomos Michel Mayor e Didier Queloz, do Observatório de Genebra, do primeiro planeta extra-solar, em redor da estrela 51 da constelação Pégaso. Se, no ano 2000, os astrónomos relataram a existência de uma meia centena de planetas, pensamos que daqui a pouco serão imensos a povoar o nosso universo. Programas muito performantes estão em vias de ser lançados na Europa e nos EU para detectar planetas na zona habitável dos sistemas solares e estabelecer se, também eles, poderão conter, gerar e perpetuar vida».

Estamos em 2017 e a ciência espacial não pára de evoluir e de nos ir revelando sempre novas descobertas e novas hipóteses na busca dos exo-planetos habitados ou, mais rigorosamente, habitáveis. É disso que dentro de momentos nos irá falar o Sr. Prof. José Pereira Osório.

Antes, porém, tenhamos presente que este é um velho tema que preocupa a humanidade, não só nos nossos dias, mas, talvez, desde que o homem tomou consciência de si e da imensidade do universo à sua volta. Sabemos como, desde Copérnico e Galileu até à formulação da teoria do Big-Bang, passando por Einstein e a sua teoria da relatividade, não só o geocentrismo deixou de ser credível, como o geomonismo, isto é, a crença de que apenas a Terra é habitada por seres inteligentes, começou a ser posto em causa.

Mas, curiosamente, como nos recorda Baudry no artigo atrás citado, já os filósofos gregos chamados «atomistas» consideravam, nos séculos V-IV a.C., que «outros mundos» se formariam a partir da agregação dos átomos. Na época romana, (séc. I a.C.), Lucrécio, comungando dessa corrente, supõe o universo composto de átomos que se agregam entre si para dar origem a mundos semelhantes ao nosso. Na sua obra *De*

*natura rerum*, afirma: «*Tem de admitir-se que outras regiões do espaço conheçam igualmente o seu globo, as suas raças de homens e outras espécies selvagens*».

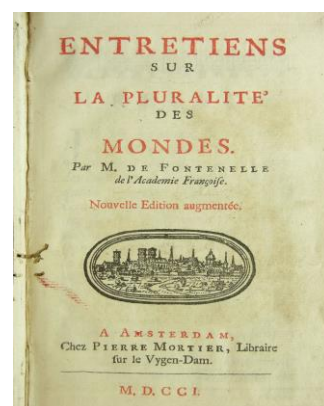
À margem da investigação científica neste campo e alimentando-se dela, esta preocupação com a pluralidade de mundos habitados tem-se traduzido, por um lado, em relatos mais ou menos fantasiosos de visitas de extraterrestres ao nosso planeta, viajando em discos voadores, com produção de provas aparentemente nunca confirmadas, e, por outro, com especulações sobre vestígios deixados por visitantes espaciais em locais pré-históricos.

A comprovar a latência desta preocupação, também a ficção em redor do tema tem sido fértil, não só em nossos dias com a produção de incontáveis obras literárias e



cinematográficas que alimentam o gosto e a fantasia, como já no passado, com o aparecimento de obras de ficção científica *avant la lettre*, como é o caso de Fontenelle, da Academia Francesa, que no século XVII publicou uma obra intitulada «*Entretiens sur la pluralité des mondes*», ou o do livro «*As aventuras do Barão von Münchhausen*», de finais do séc. XVIII, em que, entre múltiplos relatos de extraordinárias aventuras, o aventureiro barão viaja para a Lua a cavalo numa bala de canhão e ali encontra outros humanos.

Hoje em dia, as opiniões dos cientistas dividem-se entre os que defendem a probabilidade de existência de outros planetas habitáveis e os que são extremamente cépticos a esse respeito. A leitura do volume acima referido de «*Question de nº 122*» dá-nos, em boa medida, uma visão dessa diferença de posições. Conforme é citado pelo teólogo jesuíta Gutave Martelet sj, no seu artigo também ali publicado<sup>1</sup>, há astrónomos que estimam em mil milhões o número de planetas habitáveis na nossa galáxia, o que corresponderia a uma quantidade verdadeiramente «astronómica» se multiplicássemos aquela grandeza pelos cem mil milhões de galáxias que se calcula que todo o universo contém. E quanto à probabilidade de existir vida, e vida inteligente, nessa miríade de planetas, o autor dá a palavra a Teilhard que responde com a sua célebre lei da complexidade-consciência (1951): «*A matéria, se deixada entregue a si mesma por tempo suficiente, sob o jogo prolongado e universal das probabilidades, manifesta a propriedade de se arranjar em agrupamentos cada vez mais complexos e, ao mesmo tempo, cada vez mais ricos de consciência*». Na mesma linha, cita o cientista belga, Prémio-Nobel, Christian de Duve, o qual afirma: «*Segundo a teoria*



<sup>1</sup> Este artigo, cujo título é «*Pluralité des Mondes Habités d'après Teilhard*», foi escrito em colaboração com o Dr. Jean-Pierre Demoulin, à época presidente da Société Teilhard de Chardin, de Bruxelas.

*que eu defendo, é próprio da natureza da vida engendrar a inteligência, em todo o lado (e desde que) as condições requeridas estejam reunidas. A toda a nossa volta, no espaço distante, existem pequenas ilhotas onde seres vivos utilizam a sua inteligência, individualmente e em associação, como nós fazemos, a fim de criar culturas. O pensamento consciente pertence ao quadro cosmológico, não como um epifenómeno qualquer, próprio da nossa biosfera, mas como uma manifestação fundamental da matéria». De Duve conclui, sublinhando que o universo está tão grávido da vida como a biosfera está grávida do homem.*

Em contrapartida, Martelet cita também o Padre Lascar, do Observatório de Meudon, que pertence aos cépticos e que apresenta a grande complexidade dos cálculos de probabilidade, insistindo sobretudo nas contingências drásticas de clima, de atmosfera, de órbita, de inclinação do eixo de rotação e, sobretudo, na importância, entre outras, para as contingências climáticas, da existência duma Lua com características como a nossa. E Lascar conclui que o número de planetas habitáveis em todo o universo se poderia contar pelos dedos duma mão!

Tanto de Duve como Teilhard (cotando ainda o mesmo artigo de Martelet), têm em comum o célebre *princípio antrópico*, segundo o qual «tanto as constantes físicas, como as contingências biológicas, possuem valores tais que permitem ao universo aceder, por evolução e pela reflexão, à consciência, a fim de que este se conheça».

Do ponto de vista que mais nos interessa aqui, registemos que Teilhard de Chardin foi um dos que se preocupou seriamente com este problema, por razões tanto científicas, como teológicas e cristológicas. Ao longo de toda a sua vida, como o atestam variadas notas de retiro e cartas, bem como múltiplos ensaios em que aborda o tema, Teilhard colocou-se recorrentemente esta questão, e todas as implicações da mesma, na perspectiva das suas concepções, não só científicas, como crísticas. Em junho de 1953, dois anos antes da sua morte, escreveu um ensaio a que deu o título de «Em seguimento ao problema das origens humanas: A multiplicidade dos mundos habitados». Conforme é citado pelo teólogo Gutave Martelet sj no artigo que temos vindo a cotar, Teilhard faz, numa carta de 31.5.1953 para o seu amigo e confrade Pierre Leroy, um resumo dos três pontos-chave daquele seu ensaio, escrevendo: «...*como é possível que ninguém pareça ver que, dado: 1- que a vida é um prolongamento natural da atomização e da "moleculização", 2- que a reflexão é um prolongamento natural da consciência, e, 3- que existem milhões de galáxias onde se produzem as mesmas reacções físico-químicas como na Via Láctea, como não ver, digo eu, que, nestas condições, a "pluralidade dos mundos habitados" deixou se ser uma fantasia à la Fontenelle, mas que constitui, desde agora, uma "probabilidade muito maior", à qual deve satisfazer a Weltanschauung cristã*».

O primeiro registo desta preocupação de Teilhard com outros mundos inteligentes, contendo uma Noosfera, como ele dizia, data de 24 de fevereiro de 1918, quando ele, ainda nas trincheiras da guerra 14-18, escreve no seu diário: «*É curioso que eu só tenha*

*sido verdadeiramente tocado há dois dias pela dificuldade de conciliar a minha doutrina do Cristo cósmico e a pluralidade dos mundos. Sendo adquirido que o Cosmos é certamente inseparável e que o cristianismo não é mais pequeno de que o Cosmos, tem de admitir-se uma certa manifestação «polimórfica» do Cristo cósmico nos diversos mundos, segundo aptidão desses mundos em serem integrados no universo celeste. O Cristo humano não seria então senão uma face do Cristo cósmico ... Doutro modo, o Cristo (se ele abarcasse apenas a Terra) seria mais pequeno do que o Mundo!».*

A partir daqui, vamos encontrar, dispersa por toda a sua obra, inúmeras referências e reflexões com esta preocupação. Ainda em 1918, fazendo parte do conjunto de ensaios que escreveu nas trincheiras e que remeteu, para memória futura, à sua prima Marguerite Teilhard-Chambon, refere-se ao assunto no escrito «La Grande Monade».

Daí para a frente, repetem-se as alusões a este problema: em 1920, em «Chute, Rédemption et Geocentrie»<sup>2</sup>; em 1933, em «Christologie et Évolution»; em 1944, em «Centrologie»; no dia 25.10.1944, anotação no seu Diário; em 1945, em «Esquisse d'une dialectique de l'Esprit»; em 1947, em «La Formation de la Noosphère»; em 1949, em «Le Groupe zoologique humain»; em 1951, em «Le Groupe phylétique humain»; em 1953 «Le Dieu de l'Évolution»; em 1954 «La Place et la Répartition du Pensant dans l'Univers»; em 1955, na Revista *Annales de Paléontologie*, com o artigo intitulado «La place et la répartition du Pensant dans l'Univers».

Como vemos, Teilhard de Chardin, desde a juventude até às vésperas do seu falecimento em 1955, não deixou de se ocupar com esta problemática.

De todas essas reflexões, ressalta sobretudo a preocupação com o problema que a probabilidade de outros mundos inteligentes coloca à teologia. Depois da lição do Sr. Prof. Pereira Osório, iremos escutar as reflexões que o Prof. Michel Renaud nos irá apresentar sobre precisamente este lado teológico do problema.

Para já, fiquemos com uma breve noção de como Teilhard colocava, a si mesmo e aos seus correspondentes, esta questão teológica, para ele fulcral mas também de certo modo paradoxal.

Nas notas do seu retiro de 1945, ele medita: «Em certo sentido, a ciência é menos perturbadora pela sua formidável expansão do Tempo-Espaço do que pela *probabilidade* que ela estabelece de que o Homem não é o único grupo de Pensamento existente no Universo...». «Pluri-incarnação: aqui reside evidentemente a grande dificuldade do Cristo Ómega. Teoricamente, seriam necessários tantos germes crísticos quantos planetas inteligentes». «Pode haver um Ego crístico pluri-incarnado. Mas não Marial... E, contudo, é impossível que o cristianismo seja essencialmente construído para um universo monoico! Isso não seria a sua condenação?...».

A 2.1.1955 escreve, em carta ao seu amigo Monsenhor de Solages: «Estou mais convencido do que nunca de que a Igreja só retomará a sua marcha conquistadora

---

<sup>2</sup> «A questão, para mim, ainda não tem resposta [...] Há momentos em que quase desesperamos de libertar os dogmas católicos do geocentrismo, no seio do qual eles nasceram».

quando (recuperando o grande esforço teológico dos cinco primeiros séculos) se empenhe a repensar (a ultra-pensar) as relações existentes, já não entre Cristo e a Trindade, mas entre Cristo e o universo, tornado fantasticamente imenso e orgânico (um trilião pelo menos de galáxias contendo quase seguramente cada uma a Vida e o Pensamento...»). E, dias depois, a 14.1.1955, dirige uma carta ao Provincial, Padre Revier, onde destaca: «Já não se trata hoje de aprofundar as relações entre o crístico e o trinitário, mas entre o Cristo e um universo que nos aparece de repente fantasticamente grande, formidavelmente orgânico, e, mais que provavelmente, poli-humano (n planetas pensantes – talvez milhões...).» Para tal e para contrariar o antropomonismo vigente, ele sugere aos teólogos a realização dum novo Niceia. É o que, em desabafo, comunica na sua carta a Bruno de Solages: «Em virtude de toda a sua bioquímica, o universo é de natureza “poli-humana” (poli-pensante). Possível (?) que, por causa das distâncias, os contactos não se estabeleçam nunca entre noosferas. Resta que a probabilidade da existência de n noosferas se tornou de tal ordem que uma religião, que exclua (ou mesmo não admita positivamente), por estrutura, a *eventualidade* dum pluralidade de focos pensantes, não cobriria as dimensões do Mundo que conhecemos. Daí a razão por que, insisto, necessitamos, mais tarde ou mais cedo, dum novo Niceia para definir a face cósmica da Incarnação».

Terminarei esta apresentação (que era suposto ser apenas uma introdução à conferência do Prof. Pereira Osório e que se estendeu talvez demasiado) com as notas finais dos artigos acima referidos, de Gérard-Henry Baudry e de Gustave Martelet.

Diz o primeiro: «*Sem dúvida, a multiplicidade dos mundos galácticos exprime melhor que o pequeno cosmos antigo, limitado a alguns planetas e milhares de estrelas, o poder imenso de Deus e o seu amor, tanto infinito como misterioso. Não seria mais coerente, perante este universo que se nos revela e com a fé na universalidade da criação divina, pensarmos que esta imensidade cósmica foi querida por Deus para aí criar outros seres à sua imagem e semelhança?*». E o Padre Martelet conclui o seu artigo deste modo: «*O grande mérito de Teilhard, nesta matéria, foi de assinalar e colocar claramente o problema, mesmo que reconhecendo não ter encontrado para ele nenhuma resposta coerente. Temos que lhe estar, contudo, reconhecidos e desejar que ele tenha aberto, assim como a presente publicação, uma via a frutuosas investigações respeitantes, tanto a dados científicos, como ao eixo principal da Revelação. Nesta perspectiva, é indispensável sublinhar que, nos seus textos principais sobre estes audaciosos diálogos entre o dogma e a ciência, Teilhard conclui sempre pela afirmação peremptória do centro da sua fé: não há senão um Cristo-Ómega, que preenche e centra todo o Universo*».

